

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

**RAQUEL BALLI CURY
FERNANDA PEREIRA MARTINS
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora

Ano 2020

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

**RAQUEL BALLI CURY
FERNANDA PEREIRA MARTINS
(ORGANIZADORAS)**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Raquel Balli Cury
Fernanda Pereira Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 Interconexões: saberes e práticas da geografia 2 /
Organizadoras Raquel Balli Cury, Fernanda Pereira
Martins. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-611-9

DOI 10.22533/at.ed.119202611

1. Geografia. 2. Interconexões. 3. Práticas. I. Cury,
Raquel Balli (Organizadora). II. Martins, Fernanda Pereira
(Organizadora). III. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

As relações que se desenvolvem no espaço geográfico são múltiplas e, complexas, abrangendo as diversas dimensões que compõem a realidade, a exemplo do contexto político, econômico, ambiental, cultural e social, e que devem ser analisados em interação.

E, assim, por ser todo homem agente transformador do espaço em que está inserido se faz necessário que ele amplie a sua consciência sobre os fatos em curso, até mesmo para que seu papel se dê de forma mais efetiva.

Para que isso aconteça é essencial oportunizar e ampliar cada vez mais o debate científico acerca do espaço geográfico, que é o objeto da Ciência Geográfica.

Nesse sentido apresentamos o segundo volume da obra “Interconexões: saberes e práticas da Geografia” no qual competentes profissionais puderam divulgar e expandir o acesso às suas pesquisas, fazendo com que esses valorosos conteúdos alcançassem estudiosos e leitores interessados em desvendar as relações que se desenvolvem no espaço geográfico.

Com competência e dedicação, os autores de cada capítulo desta obra apresentam um prolífico palco de discussões através de estudos de casos, relatos de experiências pedagógicas e revisões bibliográficas compostos por saberes associados aos mais variados caminhos da Ciência Geográfica.

Este volume está dividido em 3 momentos distintos da produção do conhecimento. Do capítulo 1 até o capítulo 5 os textos são referentes ao Ensino da Geografia, saberes e práticas. Os capítulos 6, 7 e 8 apresentam discussões que estão compreendidas no campo das Ciências Exatas e Agrárias em que se insere a Geografia Física e suas subáreas conforme Tabela de Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Do capítulo 9 até o capítulo 20, encontram-se as reflexões no campo das Ciências Humanas, onde está inserida a Geografia Humana e suas subáreas, também conforme tabela supracitada.

Dessa forma, esta coletânea de artigos ressalta a diversidade temática e metodológica da Ciência Geográfica por meio de saberes interconectados capazes de apontar perspectivas no âmbito educacional, econômico, ambiental, cultural ou social.

Esperamos que o resultado dos estudos publicados com todo zelo e cuidado pela Atena Editora, despertem a criticidade e, ao mesmo tempo, ofereçam um momento prazeroso a todos os leitores.

Raquel Balli Cury e Fernanda Pereira Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NO PROCESSO FORMATIVO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Leila Procópio do Nascimento
Felipe Terra de Oliveira Silva
Jéssica Silveira de Vasconcelos
Mateus Alves Garcia

DOI 10.22533/at.ed.1192026111

CAPÍTULO 2..... 13

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSIÇÃO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE AS REGIÕES BRASILEIRAS À LUZ DA OBRA 'NA COZINHA DO CHEF BRASIL'

Leila Procópio do Nascimento
Débora Vieira da Silva
Bianca dos Santos Mondo

DOI 10.22533/at.ed.1192026112

CAPÍTULO 3..... 21

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE EM GEOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RECURSOS HÍDRICOS

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Carolina dos Santos Camargos
Renata Pereira Prates

DOI 10.22533/at.ed.1192026113

CAPÍTULO 4..... 35

GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DEMANDAS E DESAFIOS NA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

André Luiz Bezerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1192026114

CAPÍTULO 5..... 42

O CINEMA, A GEOGRAFIA E A SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DOCENTE NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFMG

Thiago Macedo Alves de Brito

DOI 10.22533/at.ed.1192026115

CAPÍTULO 6..... 57

AIREHG: UMA EMERGÊNCIA DO SÉCULO XXI

Reginaldo Gouveia dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.1192026116

CAPÍTULO 7	72
BALANÇO HÍDRICO CLIMATOLÓGICO ANUAL DA MICRORREGIÃO DE RECIFE, PERNAMBUCO	
Gabriel Victor Silva do Nascimento	
Eberson Pessoa Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.1192026117	
CAPÍTULO 8	95
FAUNA DE ABELHAS (<i>HYMENOPTERA</i> , <i>APIDAE</i>) NO PARQUE MUNICIPAL DAS ARAUCÁRIAS, GUARAPUAVA, PR	
Glauco Nonose Negrão	
DOI 10.22533/at.ed.1192026118	
CAPÍTULO 9	105
A DEFESA DO ATLÂNTICO SUL E OS CAMPOS DE PRÉ-SAL: DESAFIOS DA GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA BRASILEIRA	
André dos Santos Alonso Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.1192026119	
CAPÍTULO 10	115
A DINÂMICA URBANA DA TUBERCULOSE EM MARINGÁ – PARANÁ – BRASIL: 2010 a 2016	
Antonio de Oliveira	
Arlêude Bortolozzi	
DOI 10.22533/at.ed.11920261110	
CAPÍTULO 11	135
A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E AS DINÂMICAS IMOBILIÁRIAS EM TEMPOS DE CRISE ECONÔMICA NO BRASIL: O CASO DE JUIZ DE FORA/MG	
Andreia de Souza Ribeiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.11920261111	
CAPÍTULO 12	145
A INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM NA DEFINIÇÃO DE PERCURSOS DE ECOTURISMO NO SUDOESTE DE PORTUGAL	
Teresa Lúcio Sales	
Carla Maria Rolo Antunes	
André Botequilha Carvalho Leitão	
Rosário Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.11920261112	
CAPÍTULO 13	153
ÁREAS CRÍTICAS A ACIDENTES COM TRANSPORTE DE PRODUTOS PERIGOSOS NO TRECHO ALAGOANO DA RODOVIA BR-101	
Esdras de Lima Andrade	
Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros	
DOI 10.22533/at.ed.11920261113	

CAPÍTULO 14	173
DA GENTRIFICAÇÃO TURÍSTICA EM LISBOA	
Luís Filipe Gonçalves Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.11920261114	
CAPÍTULO 15	186
DAVID HARVEY: O GEÓGRAFO MAIS CITADO DO MUNDO	
Eliel Ribeiro dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.11920261115	
CAPÍTULO 16	199
DEFINIÇÕES DE CIDADES MÉDIAS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL BRASILEIRA	
Victor Régio da Silva Bento	
DOI 10.22533/at.ed.11920261116	
CAPÍTULO 17	212
IMAGEM E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: MANAUS VISTA A PARTIR DE CARTÕES POSTAIS	
Luana Castro da Silva	
Caren Michels	
DOI 10.22533/at.ed.11920261117	
CAPÍTULO 18	227
O AERÓDROMO MUNICIPAL DE PONTE DE SOR COMO MOTOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL/ REGIONAL	
António Oliveira das Neves	
Raul Jorge dos Santos Marques	
DOI 10.22533/at.ed.11920261118	
CAPÍTULO 19	234
SEMELHANTES, MAS DIFERENTES: ANÁLISE EXPLORATÓRIA E COMPARATIVA DAS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO EM PORTUGAL E ITÁLIA	
Gonçalo Antunes	
Caterina Francesca Di Giovanni	
DOI 10.22533/at.ed.11920261119	
CAPÍTULO 20	243
TÉCNICA E CIÊNCIA COMO DISPOSITIVOS DE AÇÃO EM CONFLITO URBANO- AMBIENTAL	
Ana Cristina de Mello Pimentel Lourenço	
Luiza Pereira Machado	
Ruth Osório de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.11920261120	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	258
ÍNDICE REMISSIVO	259

CAPÍTULO 3

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE EM GEOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO/ APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RECURSOS HÍDRICOS

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 06/11/2020

Fernanda Pereira Martins

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/6428064112182072>

Raquel Balli Cury

Universidade do Estado de Minas Gerais
Ituiutaba – Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/4914212815481123>

Carolina dos Santos Camargos

Universidade Estadual de Goiás
Morrinhos – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/7978757461155879>

Renata Pereira Prates

Universidade Estadual Paulista
Presidente Prudente – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/4509171740147073>

RESUMO: A Geografia possui um corpo conceitual e uma linguagem específica que possibilita ao indivíduo ler o mundo em que ele vive. Para que a leitura do mundo seja feita de forma abrangente, crítica e para além do senso comum, é imprescindível o uso de terminologias e conceitos capazes de expressar as relações em curso no espaço. Para tanto, o educador precisa mediar a construção do conhecimento de modo que permita ao aluno enxergar, através dos conceitos, as relações que se desdobram e que se reinventam a todo momento e em diferentes

escalas. Contudo, é evidente, na educação básica, que os alunos não compreendem claramente os conceitos da Geografia, fato que pode redundar numa visão estreita da realidade, empobrecendo o objeto de estudo, bem como a sua atuação como cidadão dotado de deveres e direitos. Portanto, objetivou-se, neste trabalho, discutir a importância das categorias de análise da Geografia aplicadas no ensino e propor a aplicação das mesmas para o estudo da temática Hidrografia.

PALAVRAS-CHAVE: Categorias Geográficas, Conceitos em Geografia, Educação Básica.

THE CATEGORIES OF ANALYSIS IN GEOGRAPHY AS A TOOL FOR TEACHING/LEARNING THE WATER RESOURCES CONTENT

ABSTRACT: Geography has a conceptual body and a specific language that allows the individual to read the world in which he lives. For a comprehensively, critically and no common sense reading of the world, it is essential to use terminologies and concepts capable of expressing the ongoing relationships in space. For this, the educator needs to mediate the knowledge construction in a way that allows the student to see, through concepts, the relationships, which unfold and reinvent all times and at different scales. However, it is evident, in basic education, that students do not clearly understand the concepts of Geography, resulting in a narrow view of reality, impoverishing the object of study, as well as impoverishing his performance as a citizen endowed with duties and rights. Therefore, the object of this work was to discuss

the importance of the categories of analysis of Geography applied in teaching and to propose their application for the study of Hydrography theme.

KEYWORDS: Categories of Analysis, Geography Concepts, Basic Education.

1 | INTRODUÇÃO

A educação e as boas práticas podem transformar a vida dos indivíduos, oportunizando a “luz” que cada um precisa para lutar por aquilo que lhe é de direito e, assim, obter melhores condições de vida, podendo, inclusive, modificar os rumos da sociedade na qual se insere. Porém, só é capaz de se posicionar aquele que conhece a realidade em que habita, mediante leitura do seu entorno, reconhecimento dos seus direitos e deveres e compreensão das leis (humano-físicas e moral) que regem o mundo.

É neste momento que a educação se faz desejada, demonstrando para os indivíduos que a sua cidadania vai para além do cumprimento dos seus deveres enquanto sujeito que integra uma sociedade, mas também e, principalmente, na plena contemplação dos seus direitos (SANTOS, 2007).

Contudo, o que se vê é, como explicitou SANTOS (2007), principalmente nos centros urbanos, a falta de cidadania, ou seja, indivíduos que não tem seus direitos assegurados legalmente, emergindo, assim, o cidadão mutilado.

Compreendendo a necessidade da tomada de consciência do ser humano sobre seus deveres, mas, sobretudo, sobre seus direitos, a escola se insere como instituição capaz de se insurgir contra essa problemática.

No entanto, alcançar a eficiência no ensino quanto à formação do cidadão não é simples e, dentro da Geografia é possível identificar essa dificuldade, visto que nela ainda está fortemente presente os resquícios de uma Geografia Tradicional, calcada no positivismo.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1989, p. 28) já ressaltava a problemática do ensino ao enfatizar que

O que ocorre na realidade é que os professores (todos), obviamente os de geografia também, estão envolvidos num processo dialético de dominação, qual seja o professor foi educado a ensinar sem pôr em questão o conteúdo dos livros didáticos, sem que o produto final de seus ensinamentos fosse ferramentas com as quais eles e seus alunos vão transformar o ensino que praticam e, certamente, a sociedade em que vivem. Ou, por outras palavras, os professores e os alunos são treinados a não pensar *sobre* o *que* é ensinado e sim, a *repetir* pura e simplesmente o que é ensinado. O que significa dizer que eles não participam do processo de produção do conhecimento.

Essas discussões já se fazem presentes no ensino há tempos e tem-se criado esforços para o rompimento dessa prática inadequada.

Assim, no campo da Geografia, “as preocupações espaciais, seu objeto de estudo, não mais se limitam às descrições do quadro físico, mas revelam os arranjos nele levados a cabo pelos homens” (Marcos Bernardino de Carvalho, 1986). Apesar dessa mudança de postura, é preciso deixar claro que a construção do conhecimento, não se dá de forma instantânea, sendo um processo que não se faz às cegas e de maneira indiscriminada dentro da sala de aula.

É na lógica de inserir o aluno como agente do seu próprio saber que este trabalho foi elaborado e, para tanto, é imperativo que os debates em sala de aula estejam cientificamente fundamentados, permitindo ao aluno o desenvolvimento cognitivo para analisar seu entorno, pensar, repensar, criticar e tomar decisões, tornando-se, também, sujeito de sua própria história.

Neste contexto, objetiva-se discutir o uso das categorias de análise em Geografia para o ensino, permitindo a construção sólida do conhecimento mediante bases científicas e proporcionando ao alunado autonomia e criticidade frente à sua realidade local, rumo à global.

2 | A LINGUAGEM GEOGRÁFICA POR MEIO DOS CONCEITOS

Quando se trata da busca pela construção do conhecimento é preciso recordar a necessidade de estabelecer uma discussão na direção do campo teórico. E neste sentido, se faz imprescindível aproximar o saber acadêmico com o ensino de geografia oferecido pelas escolas, assim Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Base Nacional Curricular Comum (BNCC) são o resultado de muitas lutas e desejos que se prolongam há anos no Brasil.

Nesse âmbito, o PCN de Geografia tratou de oferecer aos professores elementos norteadores para sua prática pedagógica que permitisse ao aluno uma visão mais ampla das categorias geográficas possibilitando o desenvolvimento de uma nova compreensão de seu objeto de estudo. Ampliando este movimento, a BNCC de Geografia, apresenta por meio de habilidades e competências específicas do conhecimento geográfico, a possibilidade da construção da cidadania em seu aspecto mais abrangente.

Uma vez que “o uso indiscriminado dos termos dentro das ciências, de modo geral, e particularmente da Geografia, pode conduzir ao empobrecimento do objeto de estudo e dos próprios conceitos” (LISBOA, 2008, p.24).

Então, desenvolve-se uma linguagem dentro da ciência geográfica, cujo corpo conceitual torna-se a base para a leitura e compreensão do mundo (CAVALCANTI, 1998).

Esses conceitos, entendidos também como categorias de análise, “surgem em razão da necessidade de compreensão da complexidade do mundo atual” (LISBOA, 2008, p.25) e são repensados na medida em que surgem novos desafios para as sociedades.

“Esses conceitos assumem, na atualidade, grande importância no ensino de Geografia, enquanto eixos norteadores do ensino-aprendizagem de conteúdos escolares e de desenvolvimento de competências e habilidades” (FUINI & MELLO, 2016, p.883).

Inclusive, “os *Parâmetros Curriculares Nacionais* enfatizam que os eixos estruturadores do ensino de Geografia, em nível fundamental e médio, são os conceitos, dentre os quais se destacam os de espaço geográfico, região, território, lugar, paisagem - em termos mais gerais” (FUINI & MELLO, 2016, p.875).

Os Parâmetros Curriculares explicam os conceitos como sendo

(...) a representação das características gerais de cada objeto pelo pensamento. Conceituar significa a ação de formular uma ideia que permita, por meio de palavras, estabelecer uma definição, uma caracterização do objeto a ser conceituado. Tal condição implica reconhecer que um conceito não é real em si, e sim uma representação desse real, construída por meio do intelecto humano (PCN, 1999 apud LISBOA, 2008, p. 25).

Essa linguagem é, de acordo com Callai (2005), incorporada pelo aluno à medida que ele consegue operá-los racionalmente e destaca que

Ao ler o espaço, desencadeia-se o processo de conhecimento da realidade que é vivida cotidianamente. Constrói-se o conceito, que é uma abstração da realidade, formado a partir da realidade em si, a partir da compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo (ao construir a nossa história e o nosso espaço). Nesse caminho, ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido (CALLAI, 2005, p.241).

Apropriando-se dessa linguagem, o aluno realiza a leitura do mundo por eles vivido, agora com um “olhar especial”, “ler o lugar, para compreender o mundo em que vivemos” (CALLAI, 2005, p.240).

“O estudo dos conceitos não deve, no entanto, ser realizado isoladamente e se esgotar em si mesmo, pois estes somente adquirem real significado quando associados às realidades humanas” (LISBOA, 2008, p.33). Assim, é preciso que o professor consiga incorporar o uso dos conceitos na análise do próprio cotidiano do aluno, para que, aos poucos, estes consigam assimilar e internalizar cada conceito e, posteriormente, estejam aptos a utilizá-los em diversas outras situações.

Nesta óptica, é preciso refletir o papel da Geografia na escola, pois esta ciência permite que se faça a “leitura do mundo por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens” (CALLAI, 2005, p.228).

O mundo vivido pelos alunos é, então, o seu ponto de partida para entender outros espaços, como propõe PCN de Geografia, e que pretende se concretizar enquanto proposta da BNCC de Geografia, que busca implementar o diálogo entre a ciência geográfica e suas unidades temáticas.

3 | A BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM E A OPERACIONALIZAÇÃO DOS CONCEITOS

A Base Nacional Curricular é um documento normativo para balizar a educação brasileira, uma vez que traz os conhecimentos imprescindíveis à formação dos alunos no âmbito nacional. Nela estão contidas as aprendizagens essenciais que serão garantidas aos cidadãos brasileiros independente do seu contexto social, econômico e locacional.

Para tanto, verifica-se dois fundamentos da BNCC, a educação integral e as dez competências gerais, as quais estão para além de habilidades cognitivas. Nessa lógica, os conhecimentos serão trabalhados com vistas a alcançar o desenvolvimento das competências gerais propostas para a Educação Básica, os conhecimentos específicos no ensino de cada componente curricular, neste caso, o de Geografia no Ensino Fundamental, bem como às 7 competências específicas do componente curricular da Geografia.

Dentro da área de conhecimento das Ciências Humanas tem-se a Geografia como um dos componentes curriculares, a qual está estruturada em 5 unidades temáticas (**Tabela 1**).

Área do Conhecimento	Ciências Humanas
Componente	Geografia
Unidades Temáticas	O sujeito e seu lugar no mundo
	Conexões e escalas
	Mundo do Trabalho
	Formas de representação e pensamento espacial
	Natureza, ambientes e qualidade de vida

Tabela 1: BNCC – Componente curricular da Geografia e suas unidades temáticas

A BNCC estrutura o componente Geografia em 5 unidades temáticas, a partir das quais pode-se já fazer um paralelo com as categorias geográficas que pretende-se trabalhar neste artigo:

O sujeito e seu lugar no mundo: refere-se à compreensão das noções de pertencimento e identidade. Neste caso, a categoria **“lugar”** coloca a vivência do aluno como ponto chave no início da compreensão da temática a ser estudada, de modo a explorar a escala local para, em seguida, fazer analogia e conexão com a escala regional, nacional e global. Quando compreendo onde estou socialmente inserido, me capacito a compreender esse mesmo fenômeno e suas diversas materializações em outras escalas.

Conexões e escalas: compreender as relações existentes entre fatos nos níveis local e global. Uma vez que a análise do fenômeno já foi estabelecida no âmbito do lugar, pode-se fazer analogias com outros espaços mediante a leitura da **“paisagem”**, por

exemplo. Essas conexões estabelecidas em diferentes escalas irão explicar o arranjo das paisagens e da produção do espaço geográfico.

Mundo do trabalho: compreender as mudanças que ocorreram no mundo do trabalho em variados tempos traz a possibilidade abordar a territorialização do capital na cidade por meios das indústrias e no campo mediante as agroindústrias. O que nos permite fazer comparações entre distintas “**regiões**” com diferentes graus de desenvolvimento devido a relações de trabalho que foram ali se estabelecendo ao longo dos anos. Aqui também pode-se enfatizar o conceito de “**território**”, compreendido enquanto espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder.

Formas de representação e pensamento espacial: compreender mapas e outras formas de representação gráfica envolvendo o raciocínio geográfico. Para tanto, o uso de mapas temáticos se faz necessário, uma vez que eles demonstram a espacialização de fenômenos nos mapas qualitativos, a extensão, proporcionalidade e intensidade dos fenômenos nos mapas quantitativos ou ordenados e a dinâmica ali estabelecida a partir de fluxos nos mapas dinâmicos. Essa unidade temática é imprescindível para otimizar as discussões acerca do “**lugar**”, da “**paisagem**”, do “**território**” e da “**região**”.

Natureza, ambientes e qualidade de vida: compreender os processos físico-naturais do planeta Terra e as transformações impostas pelas atividades humanas. As categorias de “**lugar**” e “**paisagem**” são imprescindíveis para compreensão das transformações do espaço geográfico e seu respaldo sobre a qualidade de vida da sociedade. Traz uma articulação da Geografia física com a Geografia Humana.

Um mesmo fato geográfico pode ser estudado de diferentes pontos de vista e de forma integrada, o que explica a possibilidade de poder ser abordado em mais de uma unidade temática. Não obstante, pode-se escolher múltiplas categorias de análise em Geografia para analisar determinada realidade, uma vez que isso dependerá dos aspectos que se deseja elucidar.

Assim, a BNCC enfatiza que para os anos finais do Ensino Fundamental, “espera-se que os alunos compreendam os processos que resultaram na desigualdade social, assumindo a responsabilidade de transformação da atual realidade, fundamentando suas ações em princípios democráticos, solidários e de justiça”, e isso é possível mediante o uso do corpo teórico da Geografia.

Para tanto, a abordagem dessas unidades temáticas deve ser realizada integralmente, uma vez que a situação geográfica não é apenas um pedaço do território, uma área contínua, mas um conjunto de relações (BNCC).

A BNCC não oferece uma metodologia específica, contudo, pressupõe-se que para alcançar as competências gerais e específicas, o ensino não deve ser autoritário e positivista e sim dialogado, partilhado, utilizando-se, para tanto, das metodologias ativas em sala de aula que estimulem o engajamento do aluno na construção crítica do conhecimento acerca da temática estudada.

4 I AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA, SEUS SIGNIFICADOS E POSSÍVEIS APLICAÇÕES

4.1 Espaço Geográfico

O espaço geográfico constitui-se em objeto da ciência geográfica, sendo este o conceito mais abrangente da ciência em questão, uma vez que dele derivam os demais conceitos e com o qual eles se relacionam. Cabe destacar que o uso do termo “espaço” ocorre em diversas outras ciências, bem como no cotidiano das pessoas, tornando esta uma expressão ampla e sem um significado delimitado e restrito. Assim, “a palavra espaço tem o seu uso associado indiscriminadamente a diferentes escalas, global, continental, regional, da cidade, do bairro, da rua, da casa e de um cômodo no seu interior.” (CORREA, 1982, p.15).

No caso do espaço geográfico, este “somente passa a existir quando se verifica interação entre o homem e o meio em que vive, do qual aquele retira o que lhe é necessário para a sobrevivência, promovendo alterações de suas características originais” (LISBOA, 2008, p.26), ou seja, “o homem é o agente por excelência do espaço geográfico” (LISBOA, 2008, p. 26).

Para tanto, o espaço geográfico é o caractere balizador da Geografia, resultado da existência e ação humana sobre a natureza, ou seja, esta perspectiva de análise só é efetiva quando os sujeitos fazem sua interpretação espacial, e esta vai se constituindo a partir de sua evolução geohistórica, tecnológica e cultural (OLIVEIRA et al., 2020).

No que se refere à utilização desse conceito em sala de aula, todo conteúdo pode ser trabalhado seguindo esse viés, uma vez que, ao considerarmos o mundo atual, não há espaço desconhecido e intocado pelo homem. Encontramos, na verdade, diferentes formas de relação entre o homem e o meio natural, bem como diferentes graus de modificação desses espaços. Para tanto, cabe ao professor demonstrar que a Geografia é, por excelência, aquela ciência que estuda as relações entre o homem e esse meio, podendo aplicar a categoria de espaço geográfico a todo o conteúdo programático do currículo escolar.

No que tange aos corpos d’água, estes são, inclusive, comumente chamados de recursos hídricos por terem importância para o homem e alto valor econômico. A própria terminologia já demonstra a relação de dependência entre a nossa sociedade e os cursos d’água. Relação esta que vai para além da sobrevivência, mas que está associada ao desenvolvimento da sociedade, uma vez que esse recurso se constitui como via para navegação, comércio, geração de eletricidade - e consequente desenvolvimento de indústrias -, fonte de alimentos, entre outros.

Em caráter meramente exemplificativo e para enriquecer nossa proposta, podemos citar a cidade Ituiutaba, Minas Gerais, que teve, em seu processo de formação, os cursos d’água como importantes elementos transformadores do espaço.

Segundo a história local, dois fazendeiros, Sr. José da Silva Ramos e Joaquim Antônio de Mores, teriam doado terras em consorcio para erguer uma capela e um cemitério no Tejuco. Os rios da Prata e Tejuco foram as vias de acesso à região de Ituiutaba e às suas margens surgiram as primeiras povoações. (ACAIACA, s.d.192) Sendo assim, no século XIX (1832), inicia o povoamento em torno de uma capela, situada a Beira do Córrego Sujo, denominada São José do Tijuco, graças ao trabalho do Pe. Fleury, 1º capelão.

Com passar do tempo à expansão urbana se constituía, o intercambio facilitado entre povoados com abertura de rotas de passagem possibilitou a criação de um centro irradiador, sendo erguida nova capela “em local mais apropriado para se desenvolver uma povoação: a disposição do terreno e a abundância de água” (ACAIACA,s.d.193)

Assim a abordagem da transformação do espaço se daria a partir da história da cidade, tornando o aprendizado mais significativo e mais próximo da realidade do aluno, neste sentido verificaríamos como a cidade se desenvolveu e cresceu, estabelecendo uma relação entre passado e presente, entre tempo vivido e espaço transformado, bem como suas implicações sociais, políticas, econômicas e culturais que acabam por delinear características de sua localidade de vivência (tradições, festejos, aproximação com o campo, entre outras).

4.2 Lugar

O lugar é também parte do espaço geográfico, é o espaço onde se desenvolvem as atividades cotidianas imprescindíveis à sobrevivência humana, e onde desdobram-se as relações humanas (LISBOA, 2008).

O lugar “está relacionado aos diversos tipos de experiência e envolvimento com o mundo”, associando-se ao “sentimento de pertencer a determinado espaço, de identificação pessoal com uma dada área” (LISBOA, 2008, p.30).

Cada localidade possui características próprias que, em conjunto, conferem ao lugar uma identidade própria e cada indivíduo que convive com o lugar, com ele se identifica. Dessa forma, o lugar garante a manutenção interna da situação de singularidade. As parcelas do espaço geográfico com a qual cada indivíduo se relaciona e interage compõe o seu lugar. Cada pessoa terá um lugar diferente da outra, na medida em que ambas possuem vida e cotidiano diferentes. O lugar possui também íntima relação com os aspectos culturais que marcam cada sociedade (LISBOA, 2008, p.30).

Para Costella & Shaffer (2012), o lugar é a apreensão geográfica que encontra-se, especificamente, na corrente humanista. Esta, porquanto, assenta-se na subjetividade, no sentimento, na experiência e simbolismo, constituindo-se como o primeiro passo para a compreensão dos outros elementos em outras escalas.

Dentro dessa óptica, é importante trazer para as discussões o espaço vivido dos alunos, os espaços que são parte das suas experiências e práticas diárias, de modo a dar significado e concretude aos conteúdos estudados.

Assim, como especificou Tuan (1983, p.83 apud DE OLIVEIRA et al., 2020, p.133), “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”.

“É uma questão que inclui o aluno e seu próprio contexto/convívio social ao enunciado conteudista dos materiais didáticos, tornando mais prazerosa e dinâmica a tarefa de ensinar-aprender a Geografia” (DE OLIVEIRA et al, 2020, p.125).

Nesta perspectiva, pode-se abordar a temática hídrica considerando mais uma vez a história da cidade em que os alunos vivem e a relação que esta tem com os recursos hídricos que cortam seu terreno.

Utilizando ainda a cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, de forma exemplificativa, o próprio nome da cidade, oferece uma grande possibilidade de investigação, que poderia iniciar com o desvendar do significado de sua denominação e se encaminharia para as percepções de memória afetiva e pertencimento. Ituiutaba, povoação do Rio Tijuco, nos remete a questão dos cursos d’água e também ao movimento de construção de uma identidade tijuicana.

Ampliando as abordagens na temática da cidade , é possível usar ferramentas tecnológicas (tal como o Google Earth) para que o aluno reconheça caminhos que integram o seu dia-a-dia, seja no trajeto para a escola, para a casa de um familiar ou colega, evidenciando, sempre que possível, os cursos d’água presentes, em especial em denominações de ruas ou avenidas ou em outros elementos da travessia.

Posteriormente, poder-se-á utilizar os cursos d’água referidos pelos alunos para analisá-los sob o olhar dos conceitos de Paisagem, de Região e de Território.

4.3 Paisagem

O conceito de paisagem está associado àquilo que os sentidos humanos podem captar e, sendo assim,

Há quem entenda a paisagem como uma realidade que pode ser representada visualmente em uma fotografia ou pintura. Embora a visão seja o principal sentido com o qual se observa a realidade, outros sentidos também podem participar da identificação da paisagem, introduzindo-se informações como sons e odores na descrição da paisagem, método através do qual ela pode ser bem explorada (LISBOA, 2008, p.27).

A paisagem apresenta-se como o visível e percebido dos alunos, sendo preciso direcioná-los a pensar a paisagem para além da estética, como destaca Callai (2005), o conceito de paisagem permite a compreensão das dinâmicas visíveis e também das não visíveis, pois há uma sobreposição de fatos de tempos históricos diferentes.

Na aplicação do conceito paisagem é preciso

(...) considerar as características culturais dos povos e os interesses envolvidos para a realização da leitura da paisagem. E esta será, portanto, sempre a apreensão que o sujeito faz, e não a verdade absoluta, neutra. Assim como a paisagem está cheia de historicidade, o sujeito que a lê também tem o seu processo de seleção do que observa (CALLAI, 2005).

Assim, operacionalizar o conceito de paisagem no ensino dos conteúdos programáticos é ainda um grande desafio da educação geográfica e, por isso, seu uso deve considerar o espaço vivido pelos alunos, uma vez que a configuração territorial da cidade em que habitam é composta por lapsos temporais que se sobrepõem.

Diante do exposto, e ainda utilizando a cidade de Ituiutaba, como exemplo de aplicação prática, a partir de registros históricos da prefeitura, seria possível fazer uma cronologia do desenvolvimento de determinadas áreas (bairros, ruas) relacionando as modificações que foram ocorrendo ao momento histórico/social que estava em curso.

E, no que tange aos recursos hídricos, é possível compreender como estes influenciaram e foram influenciados pela população, bem como a maneira com que essa relação vem se estabelecendo nos dias atuais. Como exemplo, pode-se citar o Córrego São José, em Ituiutaba, MG, em que será possível perceber o estabelecimento de famílias mais pobres nas suas margens e, posteriormente, a destituição das mesmas dessas áreas para a canalização do corpo d'água e posterior construção de um espaço para atividades físicas.

4.4 Região

Quanto à região, Cavalcanti (1998) destaca que a concepção que alunos e professores apresentam ainda está a um aspecto enrijecido e estático, principalmente aqueles legalmente constituídos como controle, relegando as concepções que englobam o espaço vivido e globalizado.

É, para tanto, no processo de regionalização que se dá origem às regiões e, de acordo com Lisboa (2007, p.29),

Dessa forma, secciona-se o espaço geográfico em partes que apresentam internamente características semelhantes. Os elementos internos de uma região não são idênticos, mas quando comparados aos elementos de outra região se percebe certa homogeneidade interna. Para se empreender um processo de regionalização é preciso estabelecer um conjunto de objetivos e de critérios segundo os quais o espaço será dividido, podendo estes critérios ser de ordem natural, política, econômica, social, etc. Vários tipos de regionalizações para o mesmo espaço podem ser propostos, seguindo objetivos e critérios específicos e promovendo uma sobreposição de regiões (LISBOA, 2008, p.29).

No que tange aos recursos hídricos, a categoria região pode ser utilizada sob a perspectiva de regiões administrativas de Bacias Hidrográficas, como também pode-se regionalizar o entorno do curso d'água mediante um critério específico adotado pelo próprio aluno. Como exemplo de aplicação prática, nos remetemos à localização da cidade de Ituiutaba, no Pontal do Triângulo Mineiro, no vale do Rio Paranaíba, da Bacia do Prata. Seu conjunto hidrográfico é formado pelos rios Tijuco, Ribeirão São Lourenço e Rio da Prata (Figura 1).

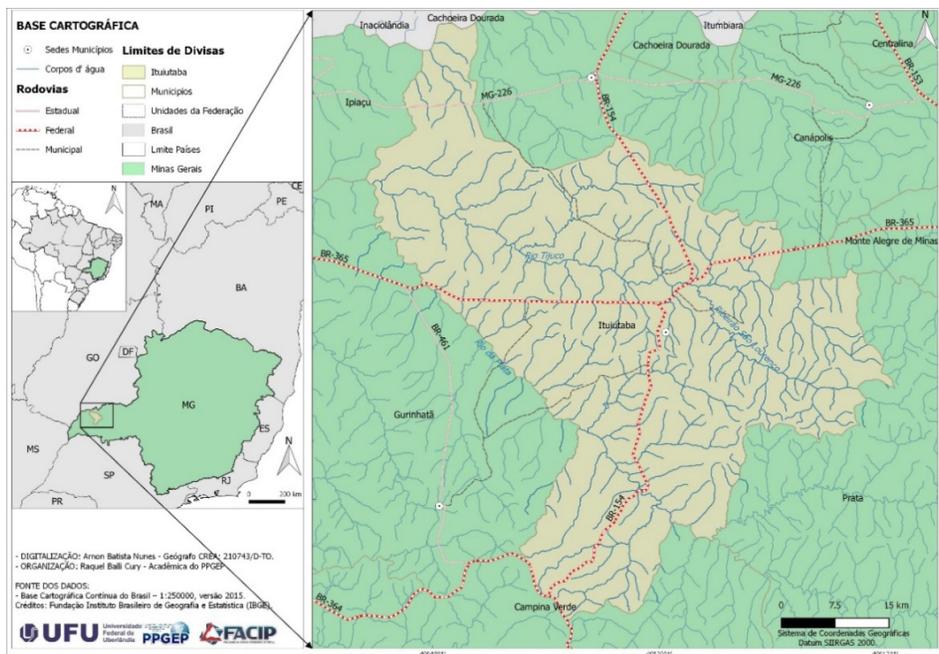


Figura 1: O exemplo utilizado é o do município de Ituiutaba, MG - Material cartográfico a ser utilizado para o reconhecimento dos cursos d'água que drenam a área estudada.

Tomando como ponto de partida os principais cursos d'água do local, seria possível propor algumas ações no sentido da produção de conhecimento, por exemplo:

- regionalizar o curso d'água e suas margens considerando as características do mesmo (córrego com curso natural, curso canalizado, curso d'água canalizado e tamponado);
- considerando o uso principal de cada trecho (uso para atividade física, lazer, plantio de hortas nas margens);
- considerando as divisões de alto, médio e baixo curso do rio; e
- abordando questões sociais (tipo de habitação presente, renda da população que vive no entorno, entre outros).

Esse exercício reflexivo inseriria o aluno na posição de agente construtor do seu próprio conhecimento. Além disso, auxiliaria na desmistificação de que a produção de investigações e do conhecimento sempre deve estar a cargo dos pesquisadores, no sentido de mostrar que qualquer pessoa pode regionalizar um espaço, uma vez que se dedique ao estudo, tenha critérios bem definidos e boa orientação acadêmica.

Este seria um grande passo para estimular e formar novos pesquisadores e elaboradores de um pensamento científico que atendesse às necessidades reais dos lugares, bem como das regiões, desenvolvendo a cidadania efetiva e significativa, baseada na ação do sujeito.

4.5 Território

O conceito de Território é fundamentado a partir das múltiplas relações de poder. Nessa lógica,

As fronteiras territoriais também são essenciais, uma vez que delimitam a área alcançada por essas relações de poder, sendo as mais conhecidas, as fronteiras nacionais e outras delimitações políticas como, por exemplo, subdivisões estaduais internas. Da mesma forma que ocorre com vários dos demais conceitos, podemos identificar territórios em níveis escalares diferentes como, por exemplo, em escala mundial, nacional, regional, local (LISBOA, 2008, p. 28).

Contudo, ao contrário do exposto, nem todo território está delimitado a partir de fronteiras concretas (LISBOA, 2008), fato este que torna ainda mais complexo refletir sobre os territórios existentes.

Diante disso, pode-se ter uma apropriação mais subjetiva e/ou cultural simbólica (HAESBAERT, 2006) e, portanto, nem sempre haverá fronteiras bem delimitadas.

Nessa lógica, o território vai para além dos limites administrativos da União, estados e municípios, sendo, por isso, passível de identificar múltiplos territórios presentes no nosso cotidiano.

Como exemplo de aplicação, o aluno pode refletir sobre o uso da água (captação, transporte, pesca, lazer) dos principais rios do município e sua disposição geográfica, ou seja, se estes cursos ultrapassam a fronteira do município, para então compreender o jogo de poder que existe sobre esse recurso. É possível, também, usar uma escala maior, como, por exemplo, o bairro ou uma rua, em que eles poderão verificar se há múltiplos agentes exercendo poder sobre o curso d'água e suas margens. Como exemplo pode-se citar famílias que moram em frente a córregos e ali, em suas margens, cultivam alguns itens para seu consumo próprio. Caso esta área sofra uma intervenção externa, haverá choque de interesses e uma disputa pelo poder da área.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas propostos pelo currículo da Geografia no Ensino Básico exigem que o docente esteja provido de uma base teórica e conceitual sólidas, capazes de direcionar o aluno a construir um conhecimento alicerçado em base científica de análise. Isto é reforçado pelos PCNs e na BNCC, que demonstram que o conhecimento precisa ser desenvolvido e estruturado mediante um diálogo entre a educação básica e as discussões no campo teórico de cada ciência.

Na reflexão levantada neste trabalho e nas propostas de aplicação das categorias de análise para a hidrografia, verificou-se que a apreensão do conteúdo se dá de forma mais efetiva, deslocando-se das premissas de uma educação descritiva positivista, para um

enfoque dialogado e mais prático. Colocamos, assim, o aluno como sujeito que vai pensar a realidade por meio dos conceitos da geografia e, que irá compreender informações visíveis, mas, primordialmente, aquelas que não são facilmente apreendidas pelos seus sentidos. O aluno desenvolve maior criticidade frente ao mundo e se torna um sujeito conscientemente transformador da realidade na qual se insere, pois consegue estabelecer as relações entre passado e presente no contexto em que ele mesmo faz parte.

Não obstante, é relevante destacar que todas as categorias de análise podem, e devem, partir do espaço vivido, pois é o ambiente de maior concretude para o aluno, tornando as discussões mais efetivas e reais dentro do seu desenvolvimento cognitivo. Além disso, construir-se-á uma base sólida para posteriores analogias em espaço e escala diferentes.

REFERÊNCIAS

BADUY, A. Antônio Baduy: Um pioneiro da Indústria Ituiutabana. In: **Revista Acaica**. Edição Comemorativa. Ituiutaba (s.d). p 192-193.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 05 set. 2020.

CALLAI. Aprendendo a ler o Mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedex**. Campinas, vol. 25. n. 66. p. 227-247. maio/ago. 2005.

CAVALCANTI, Lana. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

CORRÊA, R. L. Espaço Geográfico: algumas considerações. In: _____. **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. 5ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.

COSTELA, R. Z. SCHAFFER, N. O. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

FUINI, L. L.; MELLO, M. C. O. A importância dos conceitos no ensino de Geografia - do conceito científico ao escolar: um caminhar da região ao território. In: **Congresso Nacional de Formação de Professores e Congresso Estadual sobre Formação de Educadores, 2016, Águas de Lindóia. III Congresso Nacional de Formação de Professores e XIII Congresso Estadual sobre Formação de Educadores**. São Paulo-SP: Pro-reitoria de Graduação/Unesp, 2016. v. 3. p. 875-887.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2 ed., 2006.

LISBOA, S. S. A Importância dos Conceitos da Geografia para a Aprendizagem de Conteúdos Geográficos Escolares. **Revista Ponto de Vista**, v. 4, p. 23-35, 2008.

OLIVEIRA, A. U. Situação e tendências da Geografia. In: OLIVEIRA, A. U.; BRABANT, J. M.; VESENTINI, J. W.; VLACH, V.; SANTOS, D.; CARVALHO, M. B.; MORAES, A. C.; WETTSTEIN, G. **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1989, p. 24-29.

OLIVEIRA, E. D.; PRACZUM, S. M.; ROMANO, P. F.; YAMASHITA, T. P. **O Ensino da Geografia na Perspectiva dos seus Conceitos Fundamentais: Espaço, Lugar, Território, Região e Paisagem.** *Geographia Opportuno Tempore*, Londrina, v. 6, n.1, p. 122-140, jan./abr. 2020.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão.** 7ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. 176p.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelhas 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104
Aeronáutica 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233
Airehg 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69
Alojamento Local 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184
Amazônia Sul-Occidental 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210
Arrendamento 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 232, 234, 235, 236, 237, 238
Aulas 4, 5, 6, 7, 9, 14, 15, 16, 40, 42, 43, 45, 48, 53, 55, 196

B

Biogeografia 95, 104

C

Capitalismo 49, 51, 135, 136, 140, 144, 181, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 256, 258
Categorias Geográficas 21, 23, 25
Cidades Médias 135, 140, 144, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 211
Ciência 9, 15, 20, 23, 24, 27, 32, 35, 36, 38, 43, 48, 54, 57, 67, 68, 72, 92, 93, 135, 243, 244, 246, 251, 254, 255
Cinema 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 196
Conceitos 16, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 34, 50, 134, 173
Conflito Urbano-Ambiental 243, 244
Criticidade 23, 33, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171

D

Defesa 105, 106, 108, 110, 113, 114, 181, 228, 229
Deficiência Hídrica 72, 75, 84, 87, 90, 91, 92
Deficiência Visual 35, 36, 38, 39

E

Educação Básica 2, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 21, 25, 32, 258
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 50, 55, 56, 123, 231, 232, 258
Espaço Urbano 115, 131, 135, 144, 146, 182, 189, 212, 217, 218, 224, 225, 243, 244, 246, 254, 255
Evapotranspiração 72, 75, 76, 81, 82

Excedente 72, 75, 76, 83, 84, 85, 86, 87, 190

G

Gentrificação 173, 175, 181, 182, 184, 240, 254, 256

Geoestratégia 105, 110, 112, 114

Geografia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 92, 93, 95, 98, 114, 115, 116, 133, 140, 144, 153, 159, 171, 172, 173, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 210, 227, 240, 247, 258

Geopolítica Energética 105, 108, 113, 114

Geoprocessamento 153, 154, 160, 171, 172

H

Habitação Social 234, 235, 236, 237, 239, 240

I

Identidade 7, 25, 28, 29, 145, 147, 149, 212, 213, 214, 216, 225

Impactos Socioambientais 58, 59, 62, 66, 67, 69, 71

Inclusão 35, 36, 37, 38, 40, 41, 127, 129

Infraestrutura 1, 9, 10, 105, 115, 116, 118, 129, 130, 132, 137, 158, 171, 218, 221, 229, 245, 254

Iniciação à Docência 1, 2, 5, 8, 10, 11, 44

Investimento 10, 137, 173, 175, 176, 179, 181, 182, 227, 228, 229, 230, 232, 237, 239, 240

L

Literatura Infantil 13, 14, 15, 16, 20

M

Meio Ambiente 6, 57, 58, 64, 65, 67, 69, 70, 73, 105, 116, 153, 154, 155, 160, 188, 193, 195, 225, 244, 246, 248, 254, 258

P

Petróleo 105, 106, 107, 110, 111, 113, 114

PIBID 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 42, 44, 53

Planejamento 4, 5, 6, 8, 16, 19, 42, 44, 45, 53, 55, 73, 77, 91, 92, 118, 132, 154, 172, 247, 253, 257

Polarização 183, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209

Políticas de Habitação 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241

Políticas Urbanas 173, 174, 176

Pós-Modernidade 186, 187, 189, 191, 197

Produtos Químicos 153, 154, 156, 158, 163

R

Regiões Brasileiras 13, 14, 15, 16, 17, 200

S

Sala de Aula 7, 10, 17, 18, 23, 26, 27, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54

Seminário 11, 40, 42, 45, 46, 50, 52, 53, 54, 133, 152, 256

T

Técnica 20, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 135, 158, 243, 244, 246, 251, 254, 255

Transporte Rodoviário 154, 158, 170, 171, 172

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 